

O ESTUDANTE E SUA PERSPECTIVA DE TEMPO FUTURO

Michelle Brambilla de Oliveira Kozu e José Aloyseo Bzuneck¹²

Resumo: o presente texto descreve um dos componentes críticos da motivação de adolescentes e jovens para estudar, que é sua perspectiva de tempo futuro. São apresentados exemplos diversos de conteúdos de metas futuras. É mostrado, segundo a literatura contemporânea, em que condições a definição de objetivos futuros influencia os comportamentos no presente, especialmente em relação à escolaridade e envolvimento nos estudos. Variáveis críticas, nesse caso, são a valorização das metas futuras e a percepção de instrumentalidade dos estudos. Por outro lado, é também focalizado o caso de jovens sem perspectivas de tempo futuro, o que tem sido explicado em termos de atitudes hedonistas e de fatalismo. Por último foram das recomendações para que, em cursos do ensino médio e superior, professores e educadores explorem essa fonte motivacional junto a seus alunos.

Palavras-chave: Motivação de alunos, perspectiva de tempo futuro, interrupção dos estudos.

Abstract: the paper describes future time perspective as a critical component of young people's motivation for studying. According to contemporary literature, several examples of future time perspective's contents are presented and under which conditions they influence behaviors in the present especially regarding schooling and involvement in the studies, as well. In these case, future goals valuing and school accomplishments' instrumentality perception are critical variables. On the other side, the case of present-oriented people who live in the here and now without any future time perspective was discussed. The source of this phenomenon has been interpreted as a hedonistic or a fatalistic present orientation. Last, for teachers and educators in middle and college courses suggestions were made in order to explore future time perspective as a motivational source for their students.

Keywords: Students motivation; future time perspective; schooling interruption.

Por que um jovem opta por fazer curso superior? Ou por que outro volta a estudar, após anos fora da escola? A resposta óbvia é que ambos têm um motivo ou até vários motivos. O termo motivo é a raiz de motivação que, para todo ser humano, explica tomadas de decisões, a iniciação de um curso de ação e a persistência. Uma linha de estudos sobre motivação relacionada com escolaridade tem explorado o conceito de perspectiva do tempo futuro.

A perspectiva de tempo futuro - PTF tem sido conceituada como a antecipação no presente de objetivos previstos para o futuro (HUSMAN & LENS, 1999), ou como uma representação cognitiva do que uma pessoa busca conseguir no futuro (LEE et al., 2010), ou como uma percepção ou representação mental, uma crença ou expectativa quanto ao futuro (Husman e Shell. 2006). Ela se refere a um tempo mais ou menos distante que, porém, não coincide com o tempo real, marcado em calendário, ou seja, não é o mesmo tempo compartilhado por todos, já que consiste num tipo de pensamento pessoal. Toda PTF consiste em objetivos mais ou menos distantes que são processados por cada indivíduo. Quando alguém tem em mente um determinado espaço de tempo, desenvolve uma orientação temporal, que

¹² Universidade Estadual de Londrina. E-mail: bzuneck@sercomtel.com.br

tem um impacto forte nas suas decisões e ações no presente. Por isso, é um espaço de tempo que as pessoas consideram para tomarem decisões no presente, pertencendo ao conceito mais geral de estabelecimento de metas (LOCKE & LATHAN, 1994; 2002), com a diferença de que, no presente caso, não se trata de metas imediatas, mas de metas propostas para um futuro mais ou menos distante).

A maioria das metas ou objetivos futuros, antecipados em pensamento, consiste, sobretudo, em conquistar algo, em sentido positivo, mas existem igualmente metas de evitação de condições negativas. Os inúmeros estudos em que se examinaram as metas futuras de jovens e adolescentes têm identificado os conteúdos dessas metas. Por um lado, encontraram-se objetivos genéricos e que correspondem ao conceito de perspectiva do tempo futuro, tais como: como crescimento pessoal, formar uma família, possuir bens materiais, ter segurança financeira, gozar de bom status na sociedade, ser útil à nação, ter certo nível educacional, conquistar um diploma. Como se pode ver nessa lista, algumas metas caracterizam-se pelo verbo *ter*, enquanto que outras, pelo verbo *ser*; certas metas estão centradas no ego, enquanto que outras são voltadas para o social. Normalmente, cada pessoa forma um amálgama de metas futuras, variando, porém, o grau de importância e valor de cada uma, como foi descoberto, como exemplo, no estudo de Kasser e Ryan (1996). Para alguns, a segurança financeira é meta prioritária; para outros, a família ou as necessidades sociais e assim por diante.

Mais especificamente, a perspectiva de futuro pode consistir em ter uma profissão, escolhida com base em diversos critérios, entre os quais estaria a condição de que seja rendosa e de prestígio. A escolha profissional está associada àquelas metas mais genéricas, como perspectiva de tempo futuro, e pode ser normalmente percebida como um meio para consegui-las, ou seja, é uma meta intermediária em relação a outras mais distantes. Mas, como observaram recentemente Thomé, Telmo e Koller (2011), referindo-se ao contexto atual no Brasil, a definição por determinada carreira apresenta-se com contornos mais complexos, um assunto que foge aos objetivos do presente artigo.

Em síntese, a maioria dos jovens e adolescentes costuma desenvolver uma perspectiva de tempo futuro, que é um tipo de pensamento, uma crença ou expectativa, que se tornam necessidade pessoal a ser atendida. Por ser expectativa sobre certo futuro definido, a pessoa não somente tem uma meta estabelecida, mas acredita que tem condições de atingi-la. Entretanto, para se entender melhor esse conceito, cabe salientar que a expectativa deve ser bem fundamentada, caso contrário, não passaria de uma imagem ou fantasia inócua. Esse esclarecimento foi prestado por Oettingen e Mayer (2002), que argumentaram que expectativas ou crenças sobre o futuro devem ser diferenciadas de puras imagens ou fantasias que retratem eventos futuros. Com crenças ou julgamentos de expectativa as pessoas avaliam a probabilidade de eles acontecerem. Já imagens ou fantasias sobre eventos futuros são pensamentos, mas sem fundamento para a expectativa ou a crença de que os

eventos irão acontecer. Portanto, segundo esses autores, há uma diferença entre imaginar uma coisa e acreditar, com fundamento, em sua existência no futuro. Ora, imagens ou fantasias sobre eventos futuros, por si só, não levam a pessoa a agir de modo produtivo no presente, mas permanecem no mundo puramente subjetivo e não mobilizam o indivíduo a buscar a realização delas através de um empenho real, pelo fato de a expectativa não ter fundamento.

Dois exemplos podem ilustrar essa diferença. O primeiro é de quem apostou numa loteria e já sonha ter ganhado o prêmio. Neste sonho estão incluídas decisões sobre o que fará com o dinheiro, e a pessoa já saboreia em pensamento essa experiência subjetiva. Mas, por suposto, nada faz de concreto para conseguir tanto dinheiro, fiando-se apenas na sorte pela aposta. Logo, trata-se de uma expectativa sobre algo que foge ao próprio controle. Outro exemplo seria de uma jovem que sonha em ser modelo, fica se imaginando nas passarelas, na mídia, curte vendo-se desfilar, mas não se mobiliza a fazer curso de modelo, não procura cursos de formação, nem se cuida com dietas saudáveis. Sua meta de futuro não passa de mera imagem ou fantasia. O que falta a essas pessoas é uma base real para realizar seus sonhos, por isso, para conseguirem seus objetivos, suas expectativas não são fundadas, não passando de utopias.

Oettingen e Mayer (2002) argumentaram que só as expectativas fundadas quanto ao futuro têm efeitos motivacionais, favorecendo forte investimento comportamental, porque têm como base experiências passadas, ou seja, o que já realizou serve como base para tal expectativa. Já as fantasias positivas, ao contrário, não passam de belas imagens do que é almejado para o futuro, independentemente do que já realizou no passado e assim não têm base sólida para ações. Em síntese, quem tem em mente apenas fantasias positivas quanto ao futuro simplesmente desfruta em pensamento o que deseja e não se decide por nenhum esforço, nem planeja como superar obstáculos e nem para resistir a tentações de satisfação imediata. Enquanto expectativas positivas possibilitam a predição de ação, de esforço e bom desempenho, as fantasias positivas sobre o futuro predizem apenas uma apreciação mental de resultados futuros, mas promovem esforço para ir em direção a esses resultados.

Uma vez esclarecido o conceito de perspectiva de tempo futuro, é necessário agora mostrar em que sentido tem relação com motivação. Isto é, deve dar uma resposta à questão: por que e como o fato de termos metas de vida influenciam comportamentos atuais? No contexto escolar, seja no ensino médio ou universitário, essa questão é importante porque o adolescente ou jovem se encontra num processo de construção e formação de sua identidade. A definição de suas metas futuras pode contribuir e ser explorada para a motivação pelos estudos. Por essa razão, será agora exposta a relação que há entre perspectiva de tempo futuro e a motivação de estudantes.

A relação entre a perspectiva de tempo futuro e a motivação dos estudantes

Intuitivamente, assume-se como inquestionável a influência de metas de vida sobre certas opções no presente. Por exemplo, uma pessoa que pretende

ter uma aposentadoria confortável, daqui a trinta anos ou mais, abre uma poupança ou se filia a um plano de aposentadoria complementar. Mas, em relação aos estudos, que consistem de atividades mais específicas e nem sempre prazerosas, qual influência tem a perspectiva de tempo futuro? Na literatura sobre motivação, Pintrich (2003) descreveu cinco famílias de fatores que fornecem resposta à questão sobre o que motiva os alunos. Entre esses fatores figuram os diversos tipos de metas ou objetivos e, entre eles, situam-se as metas de vida ou de longo prazo que alunos têm em perspectiva.

Os estudos sobre o significado motivacional de metas futuras têm uma longa história (HUSMAN & SHELL, 2006), mas a partir dos anos 1980 desenvolveu-se uma teoria específica, que tem como autores principais De Volder, Lens, Husman, Nuttin, Simons e Shell. Esses teóricos apresentaram a explicação da motivação com base no estabelecimento de metas futuras e em que condições isso acontece.

Nessa explicação, diversos autores (HUSMAN & SHELL, 2006; DE VOLDER & LENS, 1982), entre outros, identificaram dois aspectos na perspectiva de tempo futuro: o dinâmico e o cognitivo, ambos considerados fatores críticos para a motivação. O componente dinâmico é formado pela atribuição de valor a metas situadas em um futuro mais ou menos distante, o que é denominado componente de valência. Por exemplo, um jovem estudante aspira ingressar no projeto Ciências sem Fronteiras (num futuro relativamente próximo) porque valoriza esse objetivo de vida. Como nesse caso, só tem valor motivacional a meta futura que aparecer como importante, valorizada e pessoalmente significativa para a pessoa. O outro aspecto é o cognitivo, que consiste na disposição de se antecipar no presente não apenas os efeitos imediatos de uma ação, mas compreender as consequências a longo prazo do comportamento atual, ou seja compreender a relação entre o que se faz agora com o que se aspira no futuro. Aí está o conceito de valor instrumental das ações no presente (HUSMAN & LENS, 1999). No exemplo do jovem que visa a ingressar no projeto Ciências sem Fronteiras, ele faz cursinhos preparatórios de matemática e inglês para se capacitar, compreendendo que essas ações são instrumentais para conseguir seu objetivo.

No contexto acadêmico, Miller e Brickman (2004) propuseram que a percepção de instrumentalidade das atividades acadêmicas consiste na percepção que jovens e adolescentes têm de que essas atividades são condições fundamentais para conseguirem no futuro os objetivos a que aspiram. É esta percepção que transfere o valor dos objetivos futuros para tarefas próximas e submetas que os alunos devem enfrentar. Isto acontece com maior probabilidade quando os estudantes entendem que submetas próximas levam a objetivos futuros que são valorizados. Como exemplo ilustrativo, um jovem que se propõe ser um advogado de renome provavelmente entenderá que, para tanto, não basta o diploma, mas escolherá um bom curso de Direito e nele será um aluno altamente engajado nos estudos, buscando continuamente o desenvolvimento das competências exigidas. Ou seja, porque valoriza aquele

futuro, esse jovem também passou a valorizar os meios para consegui-lo (HUSMAN & LENS, 1999).

Vale ressaltar que, ainda segundo Miller e Brickman (2004), é no contexto sociocultural que as pessoas desenvolvem tanto suas metas futuras como o significado de instrumentalidade de metas próximas, isto é, por influência da escola e de outras pessoas. Assim, quando, pela influência de pais, professores, de outras pessoas significativas e até do ambiente social mais amplo, se desenvolver a percepção das tarefas próximas como instrumentais para objetivos de vida, os alunos, se engajarão mais facilmente nos estudos e na regulação de estratégias no cumprimento de tarefas próximas.

Essas relações foram comprovadas em pesquisas. Nos estudos revisados por Bilde, Vansteenkiste e Lens (2011), uma PTF de longo alcance abraçada por alunos apareceu associada a excelentes resultados nos estudos, como melhores notas e mais engajamento e comprometimento. Eles gastam mais tempo estudando, utilizando estratégias de profundidade e de ensaio para aprender os conteúdos. Gerenciam de forma mais eficiente seu tempo, são persistentes naquilo que fazem, participam ativamente em sala de aula e adiam menos os cumprimentos dos seus deveres e, por fim, mostram maior satisfação nos estudos. Nesses casos, trata-se de alunos que não valorizam apenas o diploma, mas o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades, que percebem como de valor instrumental para sucesso profissional futuro.

Em síntese, conforme a proposta de De Volder e Lens (1982) e Malka e Covington (2005), entre outros, a motivação em função da perspectiva de tempo futuro engloba dois componentes: a meta futura valorizada (aspecto dinâmico, ou valência) e a percepção de instrumentalidade das ações presentes (aspecto cognitivo). Como detalhe conceitual e teórico, porém, valorização de uma tarefa é um conceito muito próximo de instrumentalidade, sem que coincidam. Eles não constituem um único e mesmo constructo. Segundo a Teoria Expectativa-Valor (WIGFIELD & ECCLES, 2000), o valor de uma tarefa ou objeto pode basear-se em instrumentalidade-utilidade, mas não exclusivamente. O valor também pode derivar da importância percebida ou do interesse pessoal. Assim, instrumentalidade percebida e valorização seriam dois constructos distintos fatorialmente, embora interrelacionados, conforme Malka e Covington (2005) comprovaram em seus estudos.

Husman e Shell (2006) acrescentaram mais duas dimensões da PTF, além da valência e da instrumentalidade percebida. As duas dimensões são a extensão e a velocidade. Como extensão entende-se a distância de uma meta futura que uma pessoa pode visualizar. Assim, quanto mais extenso for o horizonte de tempo, as metas de longo prazo serão vistas como mais importantes. Quanto à velocidade, trata-se de quão rápido as pessoas sentem o tempo passar. Os autores incluíram essas duas dimensões no questionário que aplicaram a jovens.

Possíveis diferenças entre os jovens

Pode-se supor que a maioria das pessoas, normalmente a partir da adolescência, começa a desenvolver planos e projetos realistas quanto à sua educação, profissão e vida em geral. Para Bilde et al. (2011), esta é uma das tarefas desenvolvimentais mais importantes naquela fase da vida. Entretanto, segundo esses mesmos autores, apesar da escolaridade ser orientada para o futuro por propiciar os meios necessários para futuras realizações, nem todos os jovens, inclusive alunos, estabelecem metas de vida para as quais a escolaridade atual pode contribuir. Isto é, alguns conseguem ter uma visão clara do seu futuro e compreendem que é importante se dedicarem e se esforçarem o máximo no seu curso para futuramente alcançarem seus objetivos educacionais ou profissionais.

Entretanto, outros não apresentam uma perspectiva clara e definida de tempo futuro, o que pode levá-los a dar menor valor ao empenho em seus estudos. Trata-se de jovens orientados exclusivamente para o presente, vivendo o aqui e agora, procurando constantemente novos estímulos e sensações. Para esse fenômeno surgiram duas explicações, apresentadas por Bilde et al. (2011). Ao contrário de pessoas com uma perspectiva de tempo futuro, aquelas que se atêm ao presente são levadas ou por hedonismo ou por um senso de fatalismo. No primeiro caso, fazem agora aquilo que querem, buscando apenas o prazer, do que seria exemplo típico um jovem ou adolescente que bebe todo final de semana, vai a festas e dirige alcoolizado, sem sequer se importar com riscos de morte. Eles querem apenas sentir prazer nas atividades atuais, mas, paradoxalmente, não são particularmente felizes e, muitas vezes, se sentem entediados e até deprimidos. Outra explicação para a orientação exclusiva para o presente envolve atitude fatalista. Os fatalistas ficam presos no presente porque se sentem impotentes e sem esperança, pois não acreditam ter controle sobre eventos futuros. Também se sentem deprimidos e, por serem desmotivados para exercerem qualquer atividade de valor instrumental, tendem a descumprir ou a adiar o cumprimento de tarefas acadêmicas.

Jovens sem perspectiva de tempo futuro podem ser provavelmente identificados, no Brasil, no fenômeno atual que, na mídia, tem sido relatado como o de jovens “nem nem”, isto é, nem estudam nem trabalham. Segundo o IBGE (BRASIL, 2012), 1/5 de jovens de 19 a 24 anos encontra-se nessa condição. São necessários estudos extensivos que revelem as causas e os efeitos desse fenômeno, mas pode-se supor que entre esses jovens haja muitos que perderam a perspectiva de futuro. É verdade que alguns podem estar numa fase de moratória, ou seja, à espera de condições para reencontrar seu caminho em direção a metas. Entretanto, uma suposição bem fundada é de que, ao menos no presente, muitos deles não têm perspectiva de tempo futuro e, portanto, não são capazes de empreender cursos de ação conducentes a objetivos. No mínimo, deixaram de estudar.

Em suma, existem pessoas que vivem apenas o presente, sem traçar metas para o futuro, optando por recompensas menores imediatas, que, porém, nem sempre estão disponíveis. É também provável que certos jovens se proponham

ter um futuro luminoso em termos de bem-estar, bens materiais etc., porém, nada fazem para assegurar a realização desses propósitos. Ou seja, não dão valor às atividades instrumentais, possivelmente por uma opção hedonista ou de acomodação. Este seria o caso de metas futuras como pura fantasia.

É que, objetivamente, nenhum futuro satisfatório acontecerá de forma automática, mas será uma conquista, resultado de muito trabalho e aplicação nos estudos no presente, o que implica renúncias e sacrifícios. Em particular quanto aos estudos, a percepção de instrumentalidade implica adiamento de gratificações no presente. Bembenutty e Karabenick (2004) dedicaram-se por esclarecer como motivação por metas futuras está relacionada com adiamento de gratificação. Este é um conceito que retrata a decisão de uma pessoa por assumir preferência por recompensas maiores e distantes no tempo, em comparação com recompensas imediatas e da qual está disposta a abrir mão. As pessoas que mostram preferência por uma recompensa maior e distante no tempo têm mais probabilidade de terem sucesso nos estudos. Os mesmos autores citam o exemplo de um aluno ideal que, após as aulas, volta para casa, descansa um pouco e logo retoma os estudos, podendo ficar até a hora de ir para cama. O envolvimento em toda esta sequência de atividades direcionadas e focadas em objetivos futuros valorizados implica abrir mão de uma variedade de atividades mais atraentes, como entreter-se nas redes sociais ou aproveitar a companhia de amigos. Renunciar a momentos prazerosos significa que o aluno está adiando a gratificação do presente, resistindo às tentações do mais fácil. Por isso, envolver-se nos estudos e ser bem aplicado no seu curso depende em grande parte dessa capacidade de resistência, para que o estudante tenha maior probabilidade de conseguir, no futuro, alcançar metas consideradas mais importantes.

Por outro lado, Bembenutty e Karabenick (2004), a partir de diversos estudos com adolescentes e alunos de cursos superiores, também concluíram que o adiamento de gratificação tem uma relação com a valorização por utilidade dos resultados atuais nos estudos para alcançarem metas futuras. Isto é, se a pessoa não vir utilidade nas tarefas atuais para alcançar sua meta futura, que é valorizada, será difícil prever que ela adiará gratificações imediatas, um adiamento normalmente necessário para o cumprimento de tarefas atuais. Portanto, o adiamento de gratificação está ligado à valorização de metas futuras, para além de meras fantasias, ou seja, a capacidade de adiamento de gratificação e perspectiva de tempo futuro são dois componentes inseparáveis. Ambas são igualmente imprescindíveis para que o aluno enfrente com presteza as tarefas escolares que, por sua natureza, são difíceis e exigem esforço continuado, mas que são também acompanhadas de muitas tentações para se fazerem outras coisas, menos estudar.

Considerações finais

A perspectiva de tempo futuro, como foi comprovado na literatura, é fonte de motivação para fazer cursos e, nos cursos, estudar para adquirir as devidas competências. Como ressalva, porém, deve-se ter presente que além de metas

futuras, há outros incentivos potencialmente vigorosos como, por exemplo, a motivação intrínseca, caracterizada pelo envolvimento nas atividades por prazer e opção pessoal. Em todos esses casos, não é dispensável a influência de outras pessoas, em particular, dos professores. Mesmo a motivação intrínseca se desenvolve e se mantém sob influência de pessoas que promovam nos alunos a satisfação de necessidades básicas do indivíduo de autonomia, competência e relacionamento (Deci e Ryan, 2008).

A teoria da motivação pela perspectiva do tempo futuro tem implicações para toda instituição de ensino, incluindo o de nível superior, que se defronta com a exigência, entre outras, de ter alunos altamente engajados nos processos de aprender com qualidade, que assegurem uma formação profissional de alto nível. É difícil supor que todos os alunos do ensino médio ou superior tenham bem clara uma perspectiva de tempo futuro, especialmente em termos de metas de vida caracterizadas pelo verbo *ser* (como ser competente profissionalmente, ser útil à sociedade etc.). Mais difícil ainda é que, mesmo tendo propósitos quanto ao futuro, os alunos entendam que a qualidade das aprendizagens e a perseverança no curso são condições insubstituíveis para a realização de qualquer plano de vida. Esforço sustentado e perseverança exigem sacrifícios e renúncias. Tendências hedonísticas têm o potencial de ofuscar na mente de muitos jovens a relação inerente de instrumentalidade que os estudos têm como os projetos de vida.

Já que professores são pessoas significativas para alunos em todos os níveis de escolaridade, sua contribuição, em comunicações ao longo de seu curso, será muito eficaz no sentido de convencer os jovens para duas atitudes. Primeiro, que formulem planos realísticos e ambiciosos para suas vidas. Ter objetivos de longo alcance contribui para prevenir o tédio e a acomodação e, em particular, a interrupção dos estudos. Em segundo lugar, e mais importante, a persuasão verbal deverá focalizar a razão de instrumentalidade que o sucesso nos estudos atuais têm em relação a metas de vida a que os jovens aspirem. Há jovens que se iludem, quer por razões hedonísticas ou fatalistas, que um futuro luminoso virá de qualquer modo, bastando para isso que se consiga um diploma ou a mera frequências às aulas, ou nem isso. A argumentação deve ser constante, pela qual se demonstre que uma qualidade de vida no futuro e a realização pessoal serão o fruto do que hoje se semear: envolvimento de profundidade nas aprendizagens, desenvolvimento de habilidades, aproveitamento máximo dos *feedbacks* às tarefas cumpridas, chegando ao nível de uma autorregulação dos processos de aprender (ver, por exemplo, RIBEIRO E SILVA, 2007; WINNE, 2010).

Referências

BEMBENUTTY, H., Karabenick, S. A. Inherent association between academic delay of gratification, future time perspective, and self-regulated learning. *Educational Psychology Review*, V. 16. 1, p. 35-57, 2004.

- BILDE, J.; Vansteenkiste, M.; Lens, W. Understanding The association between future time perspective and self-regulated learning through the lens of self-determination theory. **Learning and Instruction**, v.21, p. 332-345, 2011.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – PNAD, 2012.
- DE VOLDER, M.L.; Lens, W. Academic achievement and future time perspective as a cognitive-motivational concept. **Journal of Educational Psychology**, v. 42, 566-571, 1982.
- HUSMAN, J. & LENS, W. The Role of the future in student motivation. **Educational Psychologist**, v. 34, p. 113-125, 1999.
- HUSMAN, J.; Shell D. F. Beliefs and perceptions about the future: A measurement of future time perspective. **Learning and Individual Differences**, v. 18, p. 166-175, 2006.
- KASSER, T.; Ryan, R. M. Further examining the American dream: Differential correlates of intrinsic and extrinsic goals. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 22, p. 280-287, 1996.
- LEE, J. Q.; Mcinerney, D. M.; Liem, G. A. D.; Ortiga, Y. P. The relationship between future goals and achievement goal orientations: An intrinsic-extrinsic motivation perspective. **Contemporary Educational Psychology**, v. 35, p. 264-279, 2010.
- LOCKE, E.A.; Lathan, G.P. Goal setting theory. In O'Neil Jr., H.F.; Drillings, M. (Eds.) **Motivation: Theory and Research**. Hillsdale, NJ: Earlbaum, p. 13-29, 1994.
- _____. Building a Practically Useful Theory of Goal Setting and Task Motivation: A 35-Year Odyssey. **American Psychologist**, v. 57, n. 9, p. 705-719, 2002.
- MALKA, A.; Covington, M. V. Perceiving school performance as instrumentaltal future goal attainment: Effects on graded performance. **Contemporary Educational Psychology**, v. 30, p. 60-80, 2005.
- MILLER, R. B.; Brickman, S. J. A model of future-oriented motivation and self-regulation. **Educational Psychology Review**, v. 16, p. 9-33, 2004.
- OETTINGEN, G.,; Mayer, D. The Motivating Function of Thinking About the Future: Expectations Versus Fantasies. **Journal of Personality and Social Psychology** PINTRICH, P.R. A motivational science perspective on the role of student motivation in learning and teaching contexts. **Journal of Educational Psychology**, v. 95, p. 667-686, 2003.
- PINTRICH, P.H. A motivational science perspective on the role of student motivation in learning and teaching contexts. **Journal of Educational Psychology**, v. 95, p. 667-686, 2003.
- RIBEIRO, I.S.; Silva, C.F. Auto-Regulação: Diferenças em Função do Ano e Área em Alunos Universitários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 4, p. 443-448, 2007.
- THOMÉ L. D.; Telmo A. Q.; Koller, S.H. Inserção laboral juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho. In: Dell' Aglio, D.D.; Koller, S.H. (orgs.) **Adolescência e Juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção**. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 17- 46, 2011.
- WIGFIELD, A.; Eccles, J.S. Expectancy-Value Theory of Achievement Motivation. **Contemporary Educational Psychology**, v. 25, 68-81, 2000.
- WINNE, P.H. Improving measurements of self-regulated learning, **Educational Psychologist**, v. 45, n. 4, p. 267-276, 2010.